



Recebido em 26/07/2021

Aceito em 01/09/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i39.39031

ARTIGO

Entre dois tempos: representações do século XIX e do XX na imprensa do Rio de Janeiro e de Minas Gerais entre 1900 e 1901

Between two epochs: representations of the 19th and 20th centuries in the press in Rio de Janeiro and Minas Gerais between 1900 and 1901

Flávio Raimundo Giarola

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais
Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

orcid.org/0000-0003-4053-5248

flaviogiarola@yahoo.com.br

RESUMO: Viradas de séculos são momentos de retrospectiva do que se passou e de esperança com relação ao futuro. Assim, o artigo analisa as percepções diante do século XIX e do XX na imprensa do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, entre 1900 e 1901. Discutimos os discursos que colocavam os oitocentos como um século qualificado pelas luzes e pelo progresso, bem como pelas guerras e pela cisão entre cristianismo e ciência. Em seguida, exploramos a recepção do século XX e analisamos as expectativas que se vinculavam à nova centúria, discutindo as projeções de futuro, marcadas pela conciliação entre ciência e religião, pela continuidade do progresso e pelo medo dos conflitos bélicos e esperanças de paz. Concluimos que o futuro, para os periódicos analisados, não deveria interromper o progresso e a modernidade, mas uni-los à religião.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa. Século XIX. Século XX. Representações.

ABSTRACT: Turning centuries are moments of retrospect of what happened and hope for the future. Thus, the article analyzes the perceptions of the 19th and 20th centuries in the press in Rio de Janeiro and Minas Gerais, between 1900 and 1901. We discussed the speeches that placed the eight hundred as a century qualified by lights and progress, as well as by wars and the split between Christianity and science. Then, we explored the reception of the 20th century and analyzed the expectations that were linked to the new century, discussing the projections of the future, marked by the conciliation between science and religion, by the continuity of progress and by the fear of war and hopes of peace. We conclude that the future, for the analyzed journals, should not interrupt progress and modernity, but unite them with religion.

KEYWORDS: Press. 19th century. 20th century. Representations.

Introdução

Passado e futuro são dimensões temporais presentes em várias culturas. Segundo Eric Hobsbawm (1998, p. 22), o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade. Desta forma, todos os seres humanos e instituições sociais estão enraizados no passado e “todos definem sua posição em relação a ele, positiva ou negativamente” (HOBSBAWM, 1998, p. 50).

Por outro lado, percebe-se em várias civilizações antigas, como Egito, Babilônia, Grécia, Roma, os povos pré-colombianos, diversas culturas africanas, entre outras, a existência de feiticeiros, oráculos e adivinhos que procuravam entender o futuro, de forma a controlá-lo. Aceitar o inevitável, o destino, sempre foi um desafio para a humanidade, daí a busca por mecanismos que pudessem prever aquilo que estava por vir, para, com isso, evitar o acaso (MINOIS, 2016).

Assim, o acontecido e o que está por vir não raramente caminham juntos, afinal, conforme chama atenção José Carlos Reis (2012, p. 27), o tempo pode ser percebido como uma sucessão de momentos que se excluem, de termos que aparecem e desaparecem, que introduz uma existência nova e nega uma existência dada.

Reinhart Koselleck, num esforço para definir as dinâmicas em torno do passado e do futuro, cunhou os conceitos de experiência e expectativa. Para o autor, a experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados; já a expectativa é o futuro presente, ou seja, é o que ainda não ocorreu, não foi experimentado pelo homem e, por isso, apenas pode ser previsto (KOSELLECK, 2006, pp. 309-310). Para o autor, no mundo ocidental, o cristianismo, por muito tempo, impôs a esperança em um futuro escatológico, no qual o fiel se preparava para o fim dos tempos, quando o “salvador” voltaria para punir os pecadores e salvar os justos. Além disto, as sociedades da Idade Média e do início da Idade Moderna, marcadas pelo predomínio do mundo camponês, viviam transformações lentas, com mudanças tão vagarosas que faziam com que o futuro fosse visto como uma mera continuidade do presente e do passado (KOSELLECK, 2006, p. 314). O porvir, portanto, era representado como uma reprodução do hoje e do ontem, fato que só seria modificado com a grande ruptura ocasionada pelo apocalipse.

Os séculos XVI e XVII foram marcados por diversas transformações, tais como o desenvolvimento da técnica, o descobrimento do globo terrestre e de novas populações e a dissolução do mundo feudal pela indústria e pelo capital. Com isso, começa a se destacar o conceito de progresso. As mudanças sociais e políticas se tornaram mais rápidas, o que levou à ruptura entre o tempo religioso e o tempo do mundo. Segundo Koselleck, esta nova ideia de um futuro portador de progresso parte do pressuposto de que se “a história inteira é única, também o futuro deve ser único, portanto diferente do passado” (KOSELLECK, 2006, p. 319). Em outros termos, o passado atual, ou seja, a experiência, se distancia cada vez mais da expectativa, que é o futuro presente.

François Hartog (2013, p. 103) resume bem esta mudança ao afirmar que a história abandona a sua função de exemplo e se detém no caráter único do acontecimento. Com isso, distante da *Historia Magistra Vitae*, o século XIX exalta o progresso, para o qual a ciência mostrava o caminho. De acordo com Marshall Berman (1986, p. 26), os intelectuais do século XIX – como, por exemplo, Marx (1818-1883), Nietzsche (1844-1900), Tocqueville (1805-1859), Stuart Mill (1806-1873) e Kierkegaard (1813-1855) – compreenderam como a tecnologia moderna e a organização social condicionavam o destino do homem. Mesmo que pudessem acreditar em um presente desafortunado, imaginavam uma brecha para o futuro. Além disto, as rápidas mudanças políticas e sociais, processadas após a Revolução Francesa, permitiram imaginar, em um futuro próximo, novas transformações que caminhassem sempre em direção ao aperfeiçoamento da sociedade europeia.

Foi neste cenário que acabou o século XIX e se iniciou o século XX. Como não poderia deixar de ser, vários periódicos brasileiros acompanharam esta virada de séculos. Com elogios e críticas, rememoraram os oitocentos e, ao mesmo tempo, deram boas-vindas à nova centúria que se abria. Assim, o presente artigo analisa jornais do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, neste momento de mudança cronológica, com o objetivo de entender quais eram as representações destes órgãos diante dos últimos cem anos que se passavam e do novo século que começava. A escolha dos dois estados analisados se deu tanto por conta da representatividade política e econômica que tinham no cenário nacional, quanto pela vasta imprensa encontrada nestas regiões.

O século que se vai: as retrospectivas sobre os oitocentos na imprensa

A chegada de um novo século é um momento não apenas de expectativas, mas também de balanço do que se passou. De acordo com Hobsbawm, as pessoas não podem evitar a tentativa de antever o futuro mediante alguma forma de leitura do passado. “É claro que as pessoas o fazem com base na suposição justificada de que, em geral, o futuro está sistematicamente vinculado ao passado, que, por sua vez, não é uma concatenação arbitrária de circunstâncias e eventos” (HOBSBAWM, 1998, p. 50). Sendo assim, a imprensa voltou seus olhos para o século XIX e buscou nele aspectos positivos e negativos que pudessem auxiliar nas projeções sobre o futuro.

O final do século XIX representa o momento de triunfo de uma modernidade cada vez mais desejada. Velocidade e rapidez eram os lemas desse momento, quando não pareciam existir barreiras a frear (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 9). Em vista disto, o jornal da cidade mineira de Juiz de Fora, *O Pharol*, que publicou uma edição especial com 16 páginas no dia primeiro de janeiro de 1901, ao olhar para o século que se findava, concluiu que este era um século marcado pelo progresso e por realizações materiais, características que foram muito destacadas no texto *Vitórias Diplomáticas do Brasil no Século Findo*:

O século que ontem findou é, com razão, qualificado de assombroso, por constituir o ciclo histórico em que o saber humano, as descobertas da ciência e as criações da inteligência chegaram a estas culminâncias, que tocam as raias do maravilhoso. O homem conquistou o planeta, abriu rotas pelos mares,

internou-se nas regiões impenetráveis do pólo, e, quer nas glaucas profundezas submarinas, quer sobre a crosta do mundo, quer na escuridão das longas noites polares, quer no esplendor triunfal das auroras boreais, o seu cérebro trabalhou, o espírito não teve vigílias nem desfalecimentos, a ideia dilatou os seus domínios, a aspiração criou novos estímulos e o gênio alcançou, uma a uma, estas estupendas conquistas, que no domínio do físico e do moral, deram o nome *de século das luzes*, ao período centenar, que ontem findou (O PHAROL, 01 jan. 1901).

Em outro artigo, que trazia o nome da cidade, *O Pharol* ressaltou o progresso de Juiz de Fora. Aproveitou o final do século para elogiar todo o desenvolvimento da região em um período de apenas 40 anos e exaltou as características físicas da *urbes*, que a mostravam como preparada para entrar no novo século: construída sobre preceitos de “engenharias adiantada”, atravessada por duas importantes estradas de ferro (Central do Brasil e Leopoldina), privilegiada com linhas de bondes, com vários templos religiosos, bem localizada geograficamente, centro comercial regional, com instituições voltadas para o ensino, saúde e assistência social, com indústria e agricultura prósperas, em síntese, com todos os aspectos indispensáveis para que a cidade crescesse ainda mais no futuro (O PHAROL, 01 jan. 1901).

Já o *Minas Gerais*, órgão oficial do governo do Estado, se antecipou ao fim do século e, em 01 de janeiro de 1900, comemorou a fraternidade universal exaltando o progresso. Dizia que a civilização, por meio da evolução, estava dominando os ódios e as rivalidades, as ambições ilegítimas de indivíduos e nações, e estava estreitando “por meio do Direito e do aperfeiçoamento moral os laços que hão de cada vez mais ligar os povos” (MINAS GERAIS, 01/01/1900). Concluía dizendo que, ao século que acabava, “deve a humanidade assinalados serviços e inestimáveis bens” (MINAS GERAIS, 01 jan. 1900).

O jornal carioca *A Notícia* fez um recorte dos progressos do século XIX através da medicina. A retrospectiva da medicina, considerada pelo impresso como uma das grandes beneficiadas pelo avanço da ciência nos oitocentos, passava pela evolução da química, da farmácia, da biologia, da eletricidade, entre outros. Para o periódico, “nesse combate do homem contra o inimigo: moléstia, vão se dissipando os véus que lhe vendavam os olhos, e, armando-se dos preceitos da ciência atual, vai resistindo cada vez mais fortemente” (A NOTÍCIA, 31 dez. 1900).

Esta percepção favorável da ciência aparecia mesmo em um impresso menos otimista com o século XIX, como era *O Paiz*, também do Rio de Janeiro. Em texto assinado pelo escritor Valetim Magalhães (1859-1903), no dia 31 de dezembro de 1900, lia-se: “Verificar-se-a então o justo valor das conquistas do século para estabelecer o único verdadeiro bem desse balanço: o real proveito que trouxeram à felicidade humana os progressos e reais triunfos da ciência” (O PAIZ, 31 dez. 1900). Portanto, havia certo consenso de que a evolução da ciência e os desenvolvimentos materiais eram as grandes marcas dos oitocentos. Eram evidentes os anseios positivistas, uma vez que ninguém no século XIX duvidava do progresso, tanto material quanto intelectual, “já que parecia óbvio demais para ser negado” (HOBSBAWM, 2009, p. 351).

Todavia, ao lado do reconhecimento do caráter progressista, havia as críticas sobre o século XIX, evidentes na própria expressão “único verdadeiro bem” usada por Valentim Magalhães no seu texto para *O Paiz*. Na sequência do escrito, muitos dos avanços foram relativizados pelo autor. O século XIX, apesar de ser aceito como o “século das luzes”, era visto sobre uma ótica negativa. Sobre a ciência, se perguntava “quantas milhares de vidas heróica e obscuramente” foram sacrificadas “ao descobrimento da verdade”? (*O PAIZ*, 31 dez. 1900) As expansões territoriais dos oitocentos eram minimizadas com a afirmação de que ainda havia muito para ser conquistado. Ou seja, o balanço não era tão favorável como poderia se pensar.

Já o *Cidade do Rio*, em texto cuja assinatura trazia apenas um “M.”, dizia “Século das luzes, grande, imenso é o seu ativo. Mas, que importa, não cumpriste a tua missão” (*CIDADE DO RIO*, 31 dez. 1900). Em uma posição bem crítica, o texto dizia que o avanço da civilização teria levado a guerras e ao fim de nacionalidades. Novamente, destaca-se a dualidade entre a aclamação dos feitos do século XIX e a lamentação diante de suas consequências trágicas.

Mesma representação aparecia na *Revista da Semana*, também do Rio de Janeiro, que caracterizava o século XIX como século das luzes e das trevas:

Efetivamente, se no século XIX surgiram grandes invenções; gênios pujantes deslumbraram o mundo; conquistas sociais gloriosas foram alcançadas tranquilamente ou revolucionariamente e o progresso se dilatou por todos os ângulos da terra, é certo também, que o sol da civilização não pôde espantar as trevas da noite do barbarismo, que se estendeu sobre as nações do globo, como um pesadelo de sangue derramado em lutas desumanas entre exércitos numerosos, ou gotejante dos punhais afiados na pedra bruta do anarquismo, ou vertido pela inconsciência conquistadora do forte contra o fraco, da pusilanidade contra o heroísmo, do arbítrio contra o direito (*REVISTA DA SEMANA*, 30 dez. 1900).

Em Minas Gerais, a *Gazeta de Minas*, da cidade de Oliveira, em artigo intitulado *O Legado*, também destacou os conflitos bélicos do século XIX, dizendo que o novo século nascia com quase todas as nações em difíceis condições, ou por guerras externas, ou por guerras civis, ou por dificuldades econômicas (*GAZETA DE MINAS*, 06 jan. 1901). Já o *Ouro Preto*, afirmou que o século XIX foi o século das invenções espantosas, das grandes descobertas, de admiráveis acontecimentos, das ciências e das letras, “mas também foi o das sanguinolentas guerras, de clamorosas injustiças, da peste e da fome” (*OURO PRETO*, 05 jan. 1901).

No *Diário de Minas*, publicado na Cidade de Minas, pouco depois denominada de Belo Horizonte, o século XIX era associado à figura de William George Armstrong (1810-1900), empresário inglês que havia falecido em 27 de dezembro de 1900. Para a folha, Armstrong era um grande “provedor da guerra” e sua morte, perto do findar do século, era simbólica de uma era marcada pelos domínios da Inglaterra, estabelecidos por meio de diversos conflitos (*DIÁRIO DE MINAS*, 31 dez. 1900).

Destaca-se, nestes periódicos, por um lado, o insistente contraponto entre invenções, descobertas e expansões territoriais e as atitudes condenáveis, em especial das potências europeias. Por outro, já está latente a percepção de um clima belicoso

que havia marcado o século XIX, mas ainda estava presente na virada para os novecentos. Guerra e progresso são, portanto, presentes nos discursos como conceitos opostos e, ao mesmo tempo, relacionados.

Tanto em Minas Gerais como no Rio de Janeiro, também se destacou a questão religiosa e, neste ponto, novamente se via uma crítica ao século que terminava. O argumento levantado pelos periódicos era o fato do avanço da ciência ter ocorrido em prejuízo do pensamento religioso. Esta aparente contradição com a defesa da ciência pode ser facilmente explicada pela presença de um pensamento ultramontano no Brasil. Segundo Ivan A. Manoel, para a doutrina católica, o racionalismo moderno, ao ser excessivamente antropocêntrico, esquecera-se de que o verdadeiro saber é aquele que conduz ao entendimento da doutrina cristã e, por meio dela, ao conhecimento de Deus, e aquele que conduz ao avanço material, apesar dos resultados imediatos, é um falso saber (MANOEL, 2004, p. 48).

Neste sentido, o *Cidade do Rio* criticava a pretensa infalibilidade da ciência, dizendo que ela destruiu, sem substituir, as concepções religiosas; “ela arrancou do espírito do homem a crença e a fé que o faziam viver” (CIDADE DO RIO, 31 dez. 1900). Da mesma forma, o já citado texto de Valentim Magalhães para *O Paiz* lamentava que o cristianismo tenha naufragado no século XIX (O PAIZ, 31 dez. 1900). Em Minas Gerais, *O Pharol*, afirmava que a ciência havia tentado explicar tudo e jogar o sobrenatural para o domínio das lendas, mas, no final do século, acabou voltando suas indagações para este campo. Segundo o artigo, “negar o sobrenatural seria ainda obra de presunção, evasiva para esconder a nossa ignorância” (O PHAROL, 01 jan. 1901).

As ideias revolucionárias e o pensamento materialista eram os principais alvos das críticas desses periódicos. Para eles, se os avanços trouxeram muitos valores positivos para a sociedade, o fato de serem fundamentados em pensamentos científicos muitas vezes refratários aos dogmas da igreja era tido como um dos principais prejuízos deixados pelo século XIX.

O Brasil nos oitocentos também foi alvo de análise pelos jornais estudados. O *Cidade do Rio*, no artigo *Durante um século*, dizia que, por 90 anos, “a nossa vida foi um progredir constante” (CIDADE DO RIO, 31 dez. 1900), destacando os feitos de Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II e Isabel. Valorizava principalmente a unidade nacional, a abolição e o 15 de novembro. Todavia, lamentava os últimos dois anos, criticando o governo de Campos Salles (1898-1902) e o Congresso (CIDADE DO RIO, 31 dez. 1900). A história do Brasil no século XIX aparecia como uma sucessão de eventos gloriosos, seguida de um final pouco lisonjeiro.

A *Gazeta de Minas*, por seu turno, também destacou os últimos anos do século e criticou a crise econômica pela qual o país estava passando: “Todos nós conhecemos muito bem o estado decadente da lavoura, da indústria e do comércio” (GAZETA MINEIRA, 01 jan. 1901).

Já *O Pharol* foi mais otimista e exaltou, no já referido artigo sobre a diplomacia no Brasil do século XIX, a unidade nacional e a expansão do território feita, segundo o periódico, sem a necessidade de conflitos (O PHAROL, 01 jan. 1901). Já na crônica

assinada por Cândido Eloy, com o título de *Ano bom, século das graças*, o passado recente do país estava marcado por uma sequência de grandes feitos: “No Brasil tivemos a independência, a vitória contra o Paraguai, a abolição da escravidão, a República, as vitórias das Missões e do Amapá, etc., etc., etc, bonitos heróicos e gloriosos feitos, é verdade” (O PHAROL, 01 jan. 1901).

O que se pode depreender destas representações do século XIX é que não havia um consenso nos periódicos sobre a positividade ou não do século que chegava ao fim. Por conta disto, os discursos eram, muitas vezes, antagônicos, hora exaltando a ciência, hora lamentando a crise do cristianismo; hora admirando os feitos do progresso, hora se assombrando com as guerras e os efeitos das conquistas. Cobrar do passado, destacando as ambiguidades a ele inerentes, acabava aparecendo como uma característica discursiva natural de um tempo que se fechava e de outro que estava se abrindo. Os erros do século XIX deixavam uma brecha para as esperanças no novo século, que deveria manter as realizações positivas e, ao mesmo tempo, restabelecer os desvios de rota. As expectativas quanto ao século XX são o foco das linhas que se seguem.

Novos horizontes: as expectativas diante do século XX

Ao mesmo tempo em que se olha para o passado, as viradas de séculos também são muito significativas para se entender as percepções do homem sobre o porvir, uma vez que estes períodos carregam consigo expectativas, temores, otimismo e misticismos. No Brasil, na passagem do século XIX para o século XX não foi diferente. De acordo com Ângela Marques da Costa e Lilia Schwarcz, mesmo diante do conturbado cenário político e social estabelecido após a proclamação da República, civilização e modernidade converteram-se em palavras de ordem. “O Brasil entrava no novo século XX tão confiante como as demais nações: nada como imaginar que seria possível domesticar o futuro, prever e impedir flutuações” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 12).

Para saudar o novo século, era necessário, contudo, saber onde se situava o seu início. Não é por acaso que jornais e revistas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais usaram suas páginas para orientar seus leitores sobre o tema. Ana Maria Essus destaca que a revista *Dom Quixote* havia cometido o equívoco de comemorar a passagem para os novecentos no último dia de 1899. Por conta disto, no dia 06 de janeiro de 1900, o periódico propunha uma discussão, dizendo que não havia um consenso entre os matemáticos sobre o limite que separava os períodos (ESSUS, 1997-1998, p. 534). Mesma confusão aparecia nas páginas do *Minas Gerais*, ao falar do final do século XIX: “ao século, porém, que, na opinião de uns terminou ontem e que na de outros só findará de hoje a um ano, deve a humanidade assinalados serviços e inestimáveis bens” (MINAS GERAIS, 01 jan. 1900). Já o *Pharol*, de Juiz de Fora, fugia da norma e dizia, no artigo *Nota dissonante*, que “ontem nunca foi o último dia do século XIX da era cristã, nem hoje o primeiro do XX” (O PHAROL, 01 jan. 1901). Sem fazer grandes explicações, o artigo apenas dizia que podia afirmar, “sem receio de

contestação, que do presente século já lá vai um lustro, e que hoje é 1 de janeiro de 1906 do nascimento de Cristo, segundo os mais abalizados doutos sagrados e profanos” (O PHAROL, 01 jan. 1901).

“O tema perturbava a ordem do cotidiano e chegava até a população que não sabia mais quando festejar” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 12). Ainda assim, mesmo que tenham sido registrados eventos na passagem de 1899 para 1900, a maior parte das comemorações ocorreu entre 1900 e 1901. No Rio de Janeiro, *A Notícia* divulgou que na capital da República os festejos seriam promovidos por iniciativa oficial, pelo arcebispo daquela arquidiocese e por diversas associações e corporações. O órgão nos informa que as celebrações religiosas começariam às 6 horas da tarde na Catedral Metropolitana e preparava-se um evento grandioso, marcado por detalhes na iluminação, decoração e distribuição dos fiéis. No mesmo horário, começariam as manifestações oficiais, na qual todos os edifícios públicos seriam iluminados e bandas tocariam em vários locais. “À meia noite confundir-se-ão todas as manifestações pela entrada do século XX; as prestadas pelo governo, pela igreja e pelo povo” (A NOTÍCIA, 31 dez. 1900).

O *Cidade do Rio* dizia que de várias partes do Brasil chegavam notícias sobre as comemorações da passagem do século. Destacou os festejos religiosos, dizendo que é bem compreensível os esforços “empregados pela igreja para mostrar que o século que entra deve ser um século de repouso espiritual, de crença nos princípios superiores da divindade, da fé nos sagrados mistérios da religião de Cristo” (CIDADE DO RIO, 31 dez. 1900). Em seguida, também descrevia a programação feita pelo arcebispo da cidade. Do mesmo modo, vários eventos religiosos foram anunciados pelo *O Paiz* (O PAIZ, 31 dez. 1900).

A comemoração mais ousada, segundo Ana Maria Essus, foi a do Clube dos Celibatários, que convidou a população, no dia 7 de dezembro de 1900, na *Gazeta de Notícias*, para uma festa sem roupões, oferecida pelo “Grupo das Tentadoras”, com direito a uma eletrizadora recepção do século XX, regada com pétalas de flores e champanhe (ESSUS, 1997-1998, p. 535).

Em Minas Gerais, as comemorações também se dividiram entre laicas e profanas. A *Gazeta de Minas*, de Oliveira, noticiou o baile ocorrido na noite do dia primeiro, bem como os festejos religiosos que o vigário da cidade celebrou à meia noite daquele dia (GAZETA DE MINAS, 06 JAN. 1901). *O Pharol* destacou as cerimônias religiosas, afirmando que não tinha melhor maneira para os católicos de Juiz de Fora assinalar a passagem do século do que “pedindo para a Humanidade a proteção divina no século que surge” (O PHAROL, 01 jan. 1901).

As festas religiosas mostram o quanto a Igreja Católica ainda tinha um grande peso na condução de solenidades deste tipo. Por conta disto, em consonância com as críticas que se faziam sobre a perda da religiosidade no século XIX, uma das expectativas para o século XX era com relação à regeneração da religião. Novamente recorrendo a Ivan Manoel, o autor afirma que filosofia cristã do final do século XIX estava pautada na ideia de que a história do homem é a sua marcha progressiva em

direção ao maior aperfeiçoamento possível, no caso, a santificação. Por isso, a verdadeira história do homem deveria ser aquela que permite a plena realização do projeto salvífico do Criador, e a salvação poderia ser realizada historicamente, isto é, “no interior da marcha progressiva do homem na temporalidade” (MANOEL, 2004, p. 18).

Assim, *O Pharol* de Juiz de Fora defendia a religiosidade associada ao progresso, ou seja, que o aperfeiçoamento material deveria ser acompanhado do espiritual: “A volta do espiritualismo é, pois, também um sintoma de progresso da ciência, porque aquele nada tem que o torne incompatível com o experimentalismo ou naturalismo” (O PHAROL, 01 jan. 1901). Desta forma, o futuro deveria refletir a filosofia cristã, sem, contudo, abrir mão do desenvolvimento científico.

O século que hoje começa é para nós ainda impenetrável e cheio de mistérios, mas não será temerário prever-se que, em seu decurso, será feita a conciliação científica de tudo quanto ainda nos possa parecer incompatível entre o espiritualismo e o naturalismo (O PHAROL, 01 jan. 1901).

No artigo *Passado e Futuro*, criticava-se o que era denominado de “preconceitos revolucionários”, que haviam afastado o Brasil do cristianismo. Dessa maneira, pedia um século XX que fosse caracterizado pelo reforço da religião: “assim, em sua provança, faça o Brasil, ao assomar no século 20, piedoso ato de fé viva diante do Cruzeiro que cintila no firmamento, como signo de predestinação” (O PHAROL, 01 jan. 1901). Em outro texto, assinado por Cândido Eloy, novamente a religião aparecia associada ao desenvolvimento da ciência. Intitulado *Ano Bom, Século das Graças*, fazia a tradicional descrição dos desenvolvimentos científicos e materiais, como as estradas de ferro, a eletricidade, o raio X e a fotografia; seguida do lamento por conta de guerras e revoluções. Para o século XX, dizia que “não valem as luzes terrestres, por mais brilhantes que sejam, sem a luz espiritual, que o Deus pode dar” (O PHAROL, 01 jan. 1901).

Tantas manifestações sobre a importância da religião no *O Pharol* mostram o quanto ainda era difícil se pensar em uma temporalidade puramente laica, principalmente em um estado marcado pela tradição, como era Minas Gerais. E tais tipos de representação não se resumiram à passagem do século. Em nível de exemplo, no dia 2 de junho de 1901, iniciou-se a publicação, na cidade de Curvelo, de um periódico com o sugestivo nome de *O Porvir*. A apresentação do impresso estava toda pautada na ideia do desvio espiritual ocorrido no século XIX e dizia que “só as doutrinas pregadas pelos plubicistas cristãos podem impedir na Sociedade Brasileira a decadência dos costumes e constituir a grandeza da Pátria” (O PORVIR, 02 jun. 1901). Com o afastamento dos “inimigos do cristianismo”, o jornal defendia “a esperança vivaz que temos no esplêndido futuro do Brasil” (O PORVIR, 02 jun. 1901).

No entanto, mesmo na cosmopolita capital do Brasil, a religiosidade esteve presente nas expectativas para o século XX. O artigo de Valentim Magalhães para *O Paíz* comparava a passagem do século como uma saída da última era pagã e a entrada na primeira era cristã. Além disto, esperava que a caridade fosse a norteadora do novo século: “seja o século XX o jardineiro solícito e carinhoso desta flor divina e prodigiosa

de folhas de esmeralda, de cálice de nácar, de pistilos de diamantes – a bondade” (O PAIZ, 31 dez.. 1900). Já o *Cidade do Rio* falava de uma desilusão com relação à ciência, que fazia com que a sociedade depositasse suas esperanças na religião: “ao respirar o último momento de tua existência, ó século, desiludido das promessas da ciência, cheia de contrição, a humanidade inteira volve-se em fervorosa fé para seu Deus e Criador!” (CIDADE DO RIO, 31 dez. 1900)

Ainda assim, mesmo diante destas manifestações ligadas à religião e de avaliações nem sempre positivas com relação à ciência no século XIX, a esperança de um século marcado pela sucessão de progressos ficava evidente em muitos periódicos tanto do Rio de Janeiro quanto de Minas Gerais. Conforme Costa e Schwarcz, modernidade combina com avanço e, portanto, com progresso (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 12). Assim, as ideias de modernização e aperfeiçoamento caminhavam praticamente juntas nos impressos.

A *Revista da Semana*, de 20 de maio de 1900, publicou uma fotomontagem intitulada *Fotografia profética do que será o Rio de Janeiro no V Centenário*, na qual se destacava o desenvolvimento urbano, por meio de avenidas e arborização, seguindo a lógica das ideias de reformas que já estavam se delineando naquele momento (BENCHIMOL, 2010). A imagem era acompanhada por uma crônica de João do Rio (1881-1921), que fazia a seguinte descrição:

A famosa avenida parisiense dos Campos Elísios, com o seu Arco do Triunfo na extremidade, fará triste papel ao lado das nossas incomparáveis avenidas a se terminarem na maravilhosa baía de Guanabara, orlada de píncaros recortados, inçada de ilhas dos amores, um mar de esmeralda sob cúpula de eterna safira, águas levemente franjadas de graciosas crispações pela brisa fagueira (BARRETO, 2001, p.200).

Esperançoso com relação ao combate das epidemias, o texto profetizava que “o último caso de febre amarela terá ocorrido em 1940, há sessenta anos” e “a tuberculose também terá passado à cesta das velharias” (BARRETO, 2001, p. 201). Com o mesmo otimismo, dizia que “ao comemorar o quinto centenário do descobrimento do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro terá atingido um grau estupendo de progresso e de refinada civilização” (BARRETO, 2001, p. 201). Em suma, através de discursos desenvolvimentistas que já se viam na cidade, e que depois se concretizariam nas reformas de Pereira Passos (1836-1906), projetava um futuro para a cidade marcado pela modernidade, que aproximaria a *urbes* dos padrões europeus.

Da mesma forma que a crônica de João do Rio havia feito meses antes, o *A Notícia* também via no século XX um período de fim das moléstias, devido ao progresso da medicina. Novamente, destacava-se a percepção higienista de que a modernidade estava naturalmente ligada ao controle das doenças.

As grandes epidemias, as pandemias já não devastam os países civilizados, as moléstias contagiosas já se tornam evitáveis; algumas, como a varíola, tendem a passar à categoria de moléstia histórica em alguns países e esperamos do século XX o complemento da obra empreendida (A NOTÍCIA 31 DEZ. 1900).

Já a *Gazeta de Notícias* fazia uma curiosa análise sobre o futuro da geopolítica no século XX. Defendia que os países do Velho Mundo estavam desgastados por conta de lutas e ambições. Desta forma, abria uma brecha para que as nações americanas se sobressaíssem. Deixava subtendido que o Brasil teria um papel importante nesta mudança, pois defendia que os povos que mais conseguiam absorver influências externas seriam aqueles que teriam uma história gloriosa.

O século XX está reservado à grandeza americana e, se há na América uma nação que saiba fazer o melhor trabalho de absorção e de assimilação, não é preciso ser profeta para afirmar que a glória maior deste movimento e dessa grandeza lhe há de porvencer perante a humanidade e perante a história (GAZETA DE NOTÍCIAS, 01 jan. 1901).

Como no Rio de Janeiro, as principais referências ao século XX na imprensa mineira faziam projeções e desejos apoiados na ideia de modernidade, o que era sentido desde a construção da nova capital do estado. De acordo com Costa e Schwarcz, contavam-se maravilhas da cidade que se planejava, era uma espécie de “novo Eldorado” que recordava os tempos gloriosos de Minas. Para as autoras, em todos os jornais que nasciam praticamente junto da cidade, como o *Bello Horizonte* (1895), *A Capital* (1896) e *A Aurora* (1897), havia a certeza de que o futuro reservava aos mineiros uma moderna capital, “digna dos novos tempos alentados” (COSTA; SCHWARCZ, 2000, p. 41).

No jornal *O Pharol* foi muito perceptível a ideia de uma continuidade linear progressista com o século XIX. No artigo *O Século Passado*, dizia-se que as novas gerações tinham a missão de fazer o novo século ser “digno continuador daquele que a ciência iluminou, que as letras ilustraram, e que as artes engrandeceram” (O PHAROL, 01 jan. 1901). Para Goodwin Jr.

O passado da cidade é curto e recente, apenas meio século. Sua herança, porém, era enorme: trabalho e progresso avassaladores. O futuro é a continuação da transformação da cidade e da região, através do trabalho humano, em uma sociedade letrada e industrial, “centro de luminosa civilização” a clarear o porvir (GOODWIN, 2015 p. 91).

Em outro texto de *O Pharol*, *O Comércio no Século XIX*, de Gustavo Penna, foi defendido que o comércio era o principal fator de modernidade. Apenas o comércio seria capaz de transformar arraiais, incrementar o progresso local, desenvolver ferrovias e transportar toda a produção humana. Para o autor, juntamente com a ciência, o comércio mundial despontava onipotente no século XX. Porém, questionava o Brasil por não ter se esforçado suficientemente neste sentido, o que deixava o país despreparado para entrar no novo século.

Também de Juiz de Fora, em 8 de janeiro de 1900, o jornal católico *O Pobre*, buscou conciliar a modernidade com os dogmas religiosos e, para isso, elencou uma série de aspectos progressistas que deveriam marcar o futuro da cidade:

multipliquem-se as fábricas; desvendem-se novos horizontes à eletricidade; mais amplos espaços sejam entregues à avidez do vapor, que já quase suprime os mares, ou da locomotiva, que já quase anula os desertos: tudo isso é grande e

belo e também divino, porque não faz senão tornar completa a soberania física de que Deus investiu o homem no planeta (O POBRE, 03 jan. 1900).

O século XX deveria, portanto, continuar a rota do progresso iniciada no século XIX. A indústria deveria crescer, a eletricidade precisava se expandir por vastos territórios, os transportes seriam dominados pela locomotiva e pelo navio a vapor. O novo século já se abria com os sinais de desenvolvimento e a esperança era que não houvesse limites imagináveis para a expansão da técnica e da ciência em benefício da sociedade.

Antes de concluirmos, cabe destacar a análise do *A Imprensa*, jornal redigido por Rui Barbosa (1849-1923), no Rio de Janeiro. O artigo que abria a edição do primeiro dia do século XX temia o avanço do imperialismo europeu e afirmava que a nova centúria se iniciava sob os auspícios da guerra. O temor era que, nos anos vindouros, a expansão de outros países viesse a colocar em risco a liberdade no Brasil.

Agora que a reação colonial torna a soprar sobre o mundo, não destes estreitos recantos de Portugal e Castela, mas por assim dizer de todos os pontos do firmamento, não podemos estar seguros de que no primeiro ou segundo quartel do século entrante não teremos de volver a defesa destas paragens contra a cobiça estrangeira (A IMPRENSA, 01 jan. 1901).

Tal tipo de análise não foi comum nos periódicos daquele período, mas mostrava uma grande preocupação com os rumos belicistas que a política internacional estava tomando, em consonância com as representações do século XIX como século de guerras. Foi o que também destacou o jornal católico *O Apóstolo*, também do Rio de Janeiro, ao dizer: “o sangue inunda atualmente muitos pontos da terra, sob o pretexto de civilização. Peçamos a Deus que a civilização da guerra não nos atinja” (O APÓSTOLO, 29 dez. 1900). Da mesma forma, em Minas Gerais, o *Diário de Minas*, após avaliar que o século XIX fora o século dos conflitos armados, esperava que o século XX fosse o século da paz (DIÁRIO DE MINAS, 31 dez. 1900). Assim, ao lado da esperança no progresso, existia o medo da guerra e o desejo de que, no final, o entendimento e o diálogo entre as nações prevalecessem.

Em suma, mesmo diante de prognósticos pouco animadores, como o risco de guerras, os periódicos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais viam com positividade a chegada do século XX, um século que deveria ser marcado pela regeneração religiosa e pela consagração do progresso e da modernidade. Se é natural que as mudanças de século trazem esperanças de um mundo melhor, é também inegável que os desenvolvimentos tecnológicos e científicos do século XIX ajudaram a ampliar a perspectiva de que a nova centúria traria novos avanços que, após uma conciliação com o cristianismo, providenciaria uma era mais próspera que a anterior.

Considerações finais

A imprensa tratada neste artigo produzia representações sobre o passado e o futuro na ótica das elites, ou seja, não necessariamente refletiam as percepções sobre o século XIX e as expectativas sobre o século XX dos grupos populares, das populações

mais pobres que tinham pouco ou nenhum acesso à leitura e à escrita. Contudo, é possível fazer algumas conjecturas sobre os discursos apresentados neste artigo.

Valdei Lopes de Araújo, no seu livro *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira*, realizou uma das principais análises sobre a questão do tempo na América Portuguesa. O autor constatou “uma descontinuidade na experiência de tempo entre a geração da Independência e os homens que enfrentaram a tarefa de construir a nação” (ARAÚJO, 2008, p. 185). Araújo mostrou um gradual contraste entre um tempo multissecular e cíclico e outro produtor de singularidade, linear e progressivo, que vai se consolidando com os intelectuais do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro). Em muitas das análises dos jornais explorados neste artigo, podemos perceber esta ideia de uma história linear e progressiva, sobretudo quando o assunto era a manutenção dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos. Esperava-se que o futuro fosse uma continuidade do progresso alcançado até então, que levaria a um constante aperfeiçoamento material, como foi percebido na crônica de João do Rio sobre o Rio de Janeiro no século XX ou nas projeções que *O Pharol* fazia sobre a cidade de Juiz de Fora.

Por outro lado, defendia-se o pensamento ultramontano da Igreja Católica segundo o qual apenas a conciliação com os princípios do cristianismo poderiam permitir uma rota segura para o porvir, livre dos erros do passado, como guerras, revoluções e conquistas movidas unicamente pelo lucro. A temporalidade laica e a temporalidade cristã, desta forma, não eram vistas como refratárias, muito pelo contrário. Esperava-se um futuro cristão e moderno.

Sendo assim, até que ponto podemos pensar a afirmação de Jacques Le Goff (2003, p. 174) de que a consciência da modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado? Acreditamos que as viradas de século amplificam este sentimento de desvinculação com uma época que se deixa para trás e a confiança em um novo período que se espera moderno. No entanto, a crença de que o século XIX havia trazido grandes avanços, sobretudo materiais, não permitia uma ruptura completa com aquele passado recente, mesmo porque as grandes cisões haviam ocorrido no século XVIII, com as revoluções burguesas e a revolução industrial. Ainda assim, é visível a consciência de modernidade presente no Brasil, uma modernidade ainda incompleta, é verdade. Esta deveria se completar com a continuidade do progresso, a regeneração religiosa, o controle das doenças e a resolução dos problemas internos.

De qualquer forma, a imprensa das regiões analisadas, em sua maior parte, recebeu o século XX de braços abertos, saudando uma brecha para o futuro que despontava em 1901. Muitas das representações sobre o futuro aqui apontadas acabaram se materializando pouco depois, uma vez que projeções são feitas com vista nas situações vivenciadas no presente. Para o Rio de Janeiro, os próximos anos seriam de reformas urbanas e sanitarismo, enquanto para Minas Gerais, sobretudo em cidades como Belo Horizonte e Juiz Fora, haveria a continuidade da ampliação da indústria, da eletricidade e o crescimento das cidades.

Referências:

- ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira*. São Paulo: Hucitec, 2008.
- BARRETO, Paulo. *Crônicas Efêmeras: João do Rio na Revista da Semana*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. IN: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 231-286.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. 2000. *1890-1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ESSUS, Ana Maria Mauad de Souza Andrade. Emblemas do tempo: imagens sobre a passagem do século XIX para o XX na imprensa carioca. *Manguinhos: Revista de História, Ciências e Saúde*. Rio de Janeiro vol. IV, n. 3, p. 533-554, 1997-1998.
- GOODWIN JR. James Willian. *Cidades de Papel: imprensa, progresso e tradição, Diamantina e Juiz de Fora, MG (1884-1914)*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. *A era do capital (1848-1875)*. Tradução de Luciano Costa. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão, et. al. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MANOEL, Ivan A.. *O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: EDUEM, 2004.
- MINOIS, George. *História do Futuro: dos profetas à prospectiva*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2016.
- REIS, José Carlos. *Teoria e História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.